



## **A constituição intelectual não canonizada de José Veríssimo<sup>1</sup>**

### ***The Non-Canonized Intellectual Constitution of José Veríssimo***

Alessandra Greyce Gaia Pamplona

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Belém, Pará / Brasil  
aleggp@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-0492-8511>

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar a constituição intelectual de José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) a partir de um conjunto de textos publicados, mas que foram desconsiderados por ele e pela historiografia literária. Considera-se a bibliografia formada pela fortuna crítica e pelos próprios textos do escritor na análise, a qual demonstra que uma variedade de fatores interferiu para o apagamento de um perfil que, se não representava o ideal de crítica, foi decisivo para a entrada do autor no mundo das Letras oitocentistas. Esses documentos indicam que se o crítico foi canonizado pelo livro, foi na imprensa cotidiana que ele se consagrou.

**Palavras-chave:** José Veríssimo; constituição intelectual; cânone.

**Abstract:** This article aims to present the intellectual constitution of José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) from a set of published texts scarcely known or deliberately suppressed by him and by the literary historiography. For the analysis, the bibliography constituted by the critical fortune and by the writer's own texts is taken into account. It indicates that a variety of factors caused the obliteration of a profile that, not representing the ideal of criticism, was crucial for the author's insertion in the world of 19th century's literature. These documents indicate that, if the critic was canonized because of the book, it was in the daily press that he consecrated himself.

**Keywords:** José Veríssimo; intellectual constitution; canon.

---

<sup>1</sup> Artigo oriundo da Tese “Na província e no centro: José Veríssimo e sua inserção no meio intelectual”, defendida em março de 2016 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A história da geração de 70 do século XIX concorreu para a significação do que se costumaria denominar nacionalidade brasileira. Com o “bando de ideias novas” (ROMERO *apud* BOSI, 1994, p. 166), o Brasil tornou-se objeto de discussão, a ponto de uma das premissas defendidas pelos homens de Letras ter sido a missão do escritor para a formação da literatura brasileira. Esse dever de cunho formador levou os intelectuais à busca de novas teorias para compreender o Brasil, com um duplo enfrentamento: primeiro, o desgaste, na esfera política, dos pressupostos das antigas instituições monárquicas; segundo, a falência teórico-metodológica dos métodos românticos de conceber a sociedade.

Esses escritores divulgaram o “movimento subterrâneo” (ROMERO *apud* BOSI, 1994, p. 165), que se alastrou por todo o território nacional. Um dos primeiros a vulgarizá-lo foi Sílvio Romero, para quem a “vida espiritual” brasileira, até 1868, presa aos preceitos das antigas instituições portuguesas, deveria ser revista pela Escola de Recife.

Outro intelectual que compôs esse quadro de contestação de ideias foi o paraense José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916), cuja produção inicial (1878-1890) foi vista, posteriormente, por João Alexandre Barbosa, como representativa das transformações oriundas da geração de 1870.<sup>2</sup>

Veríssimo participou das mudanças na sociedade paraense como colaborador em periódicos a partir de 1877, publicando desde crônicas teatrais até pequenas narrativas de teor ficcional. Em 1889, na obra *Estudos Brasileiros*, tomando como ponto de análise a mesma preocupação que induziu Sílvio Romero a escrever sobre o “movimento subterrâneo”, o paraense também indagaria a respeito das causas de uma revolução “espiritual” ou “intelectual” experimentada pelos representantes do progresso e da modernização do Brasil.

---

<sup>2</sup> João Alexandre Barbosa estuda a produção de José Veríssimo, enfatizando-a a partir dos dilemas pelos quais o escritor paraense passou no decorrer da década de 1870, ou melhor, da “geração contestante”, denominada assim pelo estudioso porque “o conjunto de textos que escreveu [Veríssimo] e publicou entre 1878 e 1890 está montado sobre uma ordem de preocupações que, em seu conjunto, poderíamos chamar de contestação de esquemas de interpretação do país erigidos pela crítica romântica caudatária da influência portuguesa” (BARBOSA, 1974, p. 94).

Em 1873 – se é possível assentar nos estreitos limites de um ano o início de um movimento da ordem daquele de que trato – em 1873, uma evolução salutar, e inesperada porque seria difícil encontrar-lhe antecedentes no país, dá-se na mentalidade brasileira. Procurando as causas geradoras deste fenômeno – que não podia deixar de as ter – acho-as todas em fatos estranhos por assim dizer à vida intelectual: a guerra do Paraguai, o movimento republicano de 1870, a guerra franco-prussiana e por fim a questão impropriamente chamada religiosa, que, em verdade, não passou de uma questiúncula sem nenhum alcance filosófico, entre as sacristias e as lojas maçônicas. Todos estes movimentos, despertando cada um por seu modo a consciência nacional, chamaram-na à realidade dos grandes interesses que se debatiam fora daqui no mundo moral e puseram-na em comunidade de sentimentos consigo mesmo. (VERÍSSIMO, 1889, p. 112-113).

José Veríssimo assevera que esses “fatos estranhos” correspondiam aos fatores considerados externos à vida intelectual, embora concorressem “cada um por seu modo” para o tratamento sobre a nacionalidade brasileira. Isso, de maneira peculiar, impulsionaria os intelectuais ao reconhecimento da sua identidade e à afirmação de uma consciência nacional.

Conforme verificado, notadamente, nos textos publicados de 1877 a 1890,<sup>3</sup> essas concepções situaram a discussão da nacionalidade entre uma renovação teórico-metodológica oriunda das “novas ciências” e a conservação da temática de cunho romântico, como a origem da nação.

Ao se analisar seus escritos divulgados na coluna folhetim e em outras seções de periódicos, chega-se à constatação de que havia a preocupação em vasculhar os lugares “perdidos” e “degenerados” da região Amazônica sob uma perspectiva científica. Essa necessidade de retornar às origens do povo a partir das teorias evolucionista, positivista e determinista para explicar, entre outras coisas, a influência portuguesa em terras brasileiras, acrescenta à história o ar de modernidade aos estudos sobre a nacionalidade, sem, no entanto, deixar a herança romântica de lado.

---

<sup>3</sup> Neste artigo, será analisado o conjunto de 37 textos publicados entre 1877 e 1890, divulgados em periódicos. São textos denominados de dispersos, principalmente, por serem desconhecidos pela fortuna crítica, mas possuem outras características, como terem tido apenas uma edição e terem sido deliberadamente excluídos dos livros pelo próprio. Cf. PAMPLONA, 2016.

Embora seja clara a consciência do presente histórico e cultural nos textos, esta não deve ser uma premissa para “encaixar” José Veríssimo em determinada postura literária, pois o próprio movimento de renovação da década de 1870 exigiu desse grupo de letrados certas adaptações em um curto espaço de tempo. Tratava-se de situar a nacionalidade brasileira no rol das literaturas estrangeiras sem, no entanto, esquecer que, paralela à pesquisa dos interiores da Amazônia, havia querelas jornalísticas que precisavam ser resolvidas na capital do Pará, nas quais veementemente se envolveu o escritor, a exemplo da resposta ao jornal católico *A Boa Nova*, publicada em maio de 1881.

É dever do discípulo da Filosofia Positiva – escrevia não há muito o Dr. Antônio Ritti respondendo a arguições do metafísico Vacherot, espalhar as suas doutrinas e defendê-las das acusações que de boa ou má fé lhe fazem.

Este dever venho eu cumprir hoje, tanto mais gostoso quanto o erro parte de gente que se tem em conta de muito sabedora – a gente da *Boa Nova*, o órgão da teologia católica nesta cidade. (VERÍSSIMO, 1881, p. 2).

A defesa de Emílio Littré nesse artigo, além de responder à necessidade de tratar da Filosofia Positiva, permitia ao escritor a reunião para si de uma série de atributos que o inserisse como um representante da ciência na imprensa paraense. A disputa por espaço discursivo recorria inclusive a falhas gramaticais de seus detratores para bem garantir seus argumentos de plausibilidade. Esse perfil de autoridade não deixaria de existir contanto houvesse polêmica para provê-lo.

Tomando como base esse perfil crítico de José Veríssimo, iniciam-se trabalhos a respeito de sua produção intelectual. Um dos primeiros – senão o primeiro – estudiosos a se debruçar sobre quase quarenta anos da vida dedicada ao jornalismo é Francisco Prisco em *José Veríssimo, sua vida e sua obra*, de 1937,<sup>4</sup> que sistematizou a biografia e a produção intelectual do escritor desde o final da década de 1870 até 1916. De maneira geral, essa obra é dividida em função de facetas exercidas por Veríssimo durante esses anos: a vida íntima, o contista, o pedagogo, o crítico, o que participou da *Revista Brasileira* e o que teve uma obra composta por opúsculos.

---

<sup>4</sup> Cf. PRISCO, 1937.

A referência à produção em Belém do Pará considera as relações estabelecidas com políticos e escritores como Tito Franco de Almeida<sup>5</sup> e João Barbosa Rodrigues,<sup>6</sup> destacando assuntos desde a literatura até a ciência. Não obstante Prisco propor uma avaliação que reconhece a diversidade de atuação do paraense na sociedade oitocentista, apresenta-o sob uma perspectiva elogiosa, reiterando, quase exclusivamente, a posição de destaque que teve o escritor com a produção de livros.

Ao lado do *Primeiras páginas* (1878a),<sup>7</sup> que, de acordo com Prisco, não tem “significação na obra de Veríssimo, mas só o mérito da prioridade” (PRISCO, 1937, p. 14), os folhetos, notas e cartas, publicados ainda no decênio de 1880, são classificados como “opera minor”, de modo a destiná-los apenas um capítulo, atribuindo à produção desse período um caráter marginal.

Em resumo, Prisco parece partir de uma análise de José Veríssimo já consagrado nacionalmente, o crítico literário preocupado com questões “propriamente” literárias.<sup>8</sup> Por isso, ao se referir ao relacionamento desse escritor com assuntos políticos, sociais e religiosos afirma que o mesmo não se debruçou sobre eles, “não colecionou em livro seus escritos, dados a mancheias às folhas do Pará. Só o fez relativamente à produção literária” (PRISCO, 1937, p. 28).

---

<sup>5</sup> Tito Franco de Almeida, paraense nascido em 4 de janeiro de 1829, foi advogado, professor e representante do Partido Liberal no Pará. Em 1869, conforme Borges, publicou *A Igreja e o Estado*, sob o pseudônimo Canonista, no “Jornal do Amazonas”, de Belém, intervindo na famosa Questão Religiosa, sustentada contra a Maçonaria pelos Bispos Dom Vital, de Olinda, e Macedo Costa, do Pará. Defensor da monarquia da ala Liberal, em 1891 reuniu por ocasião da morte do imperador Pedro II uma comissão de féis à Monarquia, dentre os nomes estava o de Clementino José Lisboa, um dos editores da *Revista Amazônica*. Cf. as páginas 125 a 129 em BORGES, 1986.

<sup>6</sup> Foi botânico, engenheiro. Inaugurou em 1883 o Jardim Botânico em Manaus. Publicou as obras: *Exploração e estudo do Valle do Amazonas* (1875), *Ídolo amazônico achado no rio Amazonas* (1875), *Lendas, crenças e superstições* (1881) e outras. Cf. a página 279 em SILVA, 1870.

<sup>7</sup> Primeiro livro de José Veríssimo editado em 1878 e que reúne boa parte de seus textos publicados na imprensa entre os anos de 1877 a 1878.

<sup>8</sup> Conforme Prisco, uma análise propriamente literária seria aquela que considera os elementos estéticos em si.

Na obra *José Veríssimo visto por dentro* (1966),<sup>9</sup> o autor paraense é entendido sob três perspectivas: biográfica, crítico-literária e como escritor da *História da Literatura Brasileira*. As duas últimas referentes à produção realizada no Rio de Janeiro enfatizam a atuação como estudioso de causas “estritamente literárias”, da mesma forma como aponta Prisco.

Na parte biográfica, a vida particular aparece como subsídio para a formação do escritor. Por isso, afirma Ignácio José Veríssimo, a maior produção do paraense seria voltada para a Amazônia, vista como uma região que por fazer parte de sua personalidade deveria ser estudada. Assim, a *Revista Amazônica* (1883-1884) representaria essa espécie de ideal intelectual e pessoal, quase ufanista, uma vez que reuniu um significativo grupo de escritores, todos preocupados com a geografia, os costumes e a economia da região. A explicação para isto seria, conforme o analista, a “sensação do progresso vertiginoso dela”, o que traria interesse em “divulgar aquele novo paraíso” (REVISTA AMAZÔNICA, 1883, p. 35).

Apesar de identificarem José Veríssimo como aquele escritor que soube valorizar as coisas amazônicas, ambas as obras evidenciam mais o lugar de seus elaboradores a respeito do tema do que o lugar de Veríssimo em seu contexto histórico-cultural. Talvez por isso a constituição do escritor paraense, ainda no tempo em que vivia em Belém, parta do momento em que foi crítico literário consagrado na corte brasileira.

O impasse da tradição dos críticos oitocentistas foi discutido por João Alexandre Barbosa, que considera dois momentos na vida intelectual de José Veríssimo, delimitados a partir de como este foi adquirindo e modificando as ideias sobre o Brasil: uma fase anterior e outra posterior a 1901, data em que passou a colaborar definitivamente para os jornais cariocas.<sup>10</sup>

À primeira fase, de 1878 a 1890, são destinados os capítulos II e III, centrados basicamente na discussão da “geração contestante” (“geração de 70”), que o enquadra numa fase de não definição metodológica, por lançar

---

<sup>9</sup> Obra escrita por filho de José Veríssimo. Ignácio José Veríssimo dedica estudo ao seu pai na obra *José Veríssimo visto por dentro* (1966).

<sup>10</sup> A obra que tem como título *A tradição do impasse* torna-se uma das mais importantes para compreender as transformações do pensamento do crítico paraense. A tese de 1974 inicia, como o próprio título sugere, um movimento de análise que busca o impasse de uma geração que estava em construção ideológica, teórica e metodológica e, por isso, passível, para adquirir validade em seu presente histórico, de contestação ao passado.

mão de “esquemas ficcionais e etnográficos, ao lado de esboços de crítica histórica e literária” (BARBOSA, 1974, p. 32), simultaneamente. Seria, por assim dizer, uma etapa marcada por uma dialética que desmerece os métodos românticos, valoriza os realistas e científicos e não abandona aquele propósito ideológico de descoberta do povo e da nação.

Em síntese, é um estudo que avalia, conforme o próprio Alexandre Barbosa, a maneira como a linguagem de Veríssimo representa o contexto de modificações culturais próprio à geração de 1870. Nesse sentido, as obras que antes eram tidas como inferiores por outros estudiosos são caracterizadas de acordo com seu espaço de enunciação.

Outra bibliografia que marca, na atualidade, um momento importante na história crítica sobre o autor é *José Veríssimo: raça, cultura e educação*, de 2007, resultado do projeto de pesquisa “Educação e Cultura em José Veríssimo: apontamentos para a compreensão da discriminação e do preconceito étnicos no Brasil”,<sup>11</sup> empreendido por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Esse feito é relevante para entender o quadro de transformações pelo qual tem passado, também, a história da fortuna crítica de José Veríssimo e, conseqüentemente, a atualização da problemática sobre a identidade brasileira.

Essa coletânea analisa os “enunciados” sobre cultura e educação, observando como o preconceito e a discriminação étnica fizeram e fazem parte da construção ideológica do Estado Nacional. Para a reunião de tais questionamentos, os autores apresentam uma visão de José Veríssimo a partir de suas leituras, das bases teóricas que o fizeram discutir sobre a formação e o desenvolvimento da “psicologia” brasileira.

Sob essa perspectiva, propõe-se, a título de exemplo, a leitura do escritor da *História da Literatura Brasileira* a partir da influência das ideias iluministas em sua maneira de pensar o povo brasileiro. Seria, concluem os autores, uma forma de discussão do pensamento racial da época, pautada em teorias científicistas.

A essa fundamentação, que busca por meio de temáticas-chave o estudo do contexto sociocultural de José Veríssimo, juntam-se outros trabalhos, como dissertações e teses, defendidos em diferentes universidades brasileiras. O que vale ressaltar, no que se refere à fortuna crítica de

---

<sup>11</sup> Trata-se de projeto ligado ao Grupo de Pesquisa Constituição do Sujeito, Cultura e Educação – ECOS, do Instituto de Ciência da Educação da UFPA.

Veríssimo, é que ela passou, notadamente, a partir das perspectivas de João Alexandre Barbosa, a buscar um caráter de validade em estudos de outra natureza, como as Ciências Sociais, a Pedagogia, a História, a Filosofia, propondo, desta maneira, não somente o levantamento de obras do escritor paraense, mas o aprofundamento de questões de ordem teórica, como americanidade e imitação/adaptação de teorias, elementos significativos para a compreensão da literatura, ou seja, do conjunto de textos publicados em jornais e livros.

Pelo quadro histórico da recepção crítica de José Veríssimo não é difícil concluir que o escritor constitui um generoso objeto documental, historicamente latente, por nele se poder encontrar motivos afins à sociedade, à literatura e à geração de intelectuais do século XIX.

Ao se observar, a título de exemplo, um dos primeiros de seus textos publicados na imprensa paraense, no periódico de cunho liberal, *O Liberal do Pará*, em 1877, denominado de “Do Pará a Óbidos”, ao mesmo tempo em que se pode visualizar o escritor ávido pelo descritivismo e empirismo das ciências, percebe-se a narração de fatos longínquos relacionados à sua infância, os quais, no seu presente, foram substituídos por ruínas.

Óbidos é uma cidade sem tradições.

Embalde se procurará aí uma dessas lendas com que, em nossa infância costumam as nossas amas adormecer-nos, contos que ouvimos gostosos ainda já homens

[...]

A raça que morreu deixou a esta parte do Brasil alguma cousa de seus costumes e até da sua língua – mas se lhes deixou as poéticas legendas suas e de seus avós, eles as esqueceram e as poucas e truncadas que restam é só por acaso ou com muito trabalho que se vem a conhecer. Conheço estas.

[...]

Hoje esse lugar está coberto inteiramente de mato, esquecido e desconhecido [...]

(VERÍSSIMO, 1877, p. 1).

A modernidade trazida pelas teorias científicistas, naquele final da década de 1870, não era a única via adotada pelo escritor, muito menos o caminho definitivo que poderia fazê-lo apontar as mazelas de sua contemporaneidade. Ao lado disso, narrava, à maneira do narrador de ficção, os edifícios “não arruinados” de seu passado, no intuito de salvaguardar a

sua crônica de veracidade, inserindo sua experiência de vida como elemento estruturador de todo projeto que pensava para si e para a literatura da época.

Quando punha suas “lágrimas” ao rés-do-chão, à vista dos poucos leitores paraenses,<sup>12</sup> não somente os fazia se identificarem aquele narrador que voltara do Rio de Janeiro após sete anos de formação no Colégio Pedro II, mas atribuía à “narrativa de viagem”<sup>13</sup> um hibridismo de funções, consequentemente, ao escritor um misto de naturalista e cronista (SÜSSEKIND, 1990, p. 45). Ao mesmo tempo, porém, em que os leitores eram levados ao tempo de uma terra primitiva (original), o escritor os julgava pouco habilitados à leitura de um texto sério, por isso, a publicação, naquele momento, fora em folhetim para satisfazer aos anseios da classe “não-erudita”.

O fato é que Veríssimo, ainda em 1877, publicou vários textos naquele espaço que parecia não ser seu favorito, mas que o inseria no rol da cultura paraense da época, juntamente com os grandes nomes já consagrados na política, advocacia e ciências, como o bispo D. Antônio de Macedo Costa, Tito Franco de Almeida e Domingos Soares Ferreira Penna.

Ao cabo de quase um ano, exatamente em dezembro de 1877, José Veríssimo reuniu parte de seus escritos saídos em periódico, corrigiu-lhes as “máculas”, e lançou no mercado paraense, em 1878, o *Primeiras páginas*, impresso na tipografia Gutemberg de Belém. Nesse livro, o escritor experimentou, ao lado da descrição de hábitos, costumes culturais, econômicos e políticos da sociedade amazônica, a ficcionalização desses mesmos quadros gerais, os quais chamou de “esbocetos”, dedicando um capítulo exclusivo para discutir o papel de ambos na literatura brasileira.

No primeiro capítulo da obra, “Viagens no Sertão”, tem-se o analista da região; no segundo, “Quadros Paraenses”, o escritor ficcional; e no terceiro capítulo, “Estudos”, formaliza-se o crítico literário disposto a edificar uma consciência crítica acerca da literatura. Percebe-se, no todo da referida obra, que cada capítulo é uma espécie de preparação para o subsequente, tendo a literatura de ser concebida como um estudo, apresentar um grau de ficcionalidade correspondente à realidade e, em um terceiro momento, ser estudada em sua origem social e histórica para se constituir, então, o futuro da literatura nacional.

---

<sup>12</sup> Referência de José Veríssimo aos leitores da Província do Pará. Conforme Veríssimo, os textos publicados nessa coluna não tinham pretensão de alcançar um público erudito.

<sup>13</sup> Narrativa de viagem. Assim Veríssimo denomina a crônica que escreveu para o jornal *O Liberal do Pará* entre abril e maio de 1877.

Dessa forma, a primeira publicação em livro das crônicas demonstra a maneira como estava se formando a percepção crítica de um escritor que mais tarde se tornaria conhecido pela sua atividade como crítico e historiador literário, em cuja *História da Literatura Brasileira* se acha matéria conclusiva a este respeito.<sup>14</sup>

Se esse projeto literário fora alicerçado sob as transferências das ciências da época e a “contestação” de bases românticas, não seria incoerente afirmar que a imprensa de então permitiu-lhe que experimentasse novas formas de escrita e de ordenação do seu discurso. Se considerarmos que cada gênero apresenta sua própria representação de mundo, os textos de Veríssimo não se desvinculam de tal objetivo por estarem ligados a uma série de princípios vinculados à crônica.

A coluna folhetim, como aquele espaço “vale-tudo” (MEYER, 1998), em essência volátil e versátil, permitiu que a própria formação dos escritores fosse híbrida, primeiro porque nela publicavam tudo o que lhes faria ter voz em sociedade; segundo, porque, nesse formato, eram, de certa forma, livres para mesclar conteúdos, no caso de Veríssimo para “descer”, em folhetim, a assuntos “sérios”; terceiro, porque a coluna não exigia uma economia tão alta como seria a publicação em livro; e, quarto, porque era, em verdade, uma forma de angariar público leitor para a sustentação de polêmicas diárias.

Foram esses caminhos que permitiram a Veríssimo a formatação de várias vertentes em início de carreira, não que ele tenha, exclusivamente, seguido pela via da crônica ou que não publicasse, em livro, seus escritos. Mas foi, sem dúvida, o espaço da imprensa diária e periódica que lhe permitiu participar ativamente das questões de seu tempo, garantindo, inclusive, ainda na província do Pará, sua consagração crítica, não exclusivamente literária, a qual adotaria como item de cabeceira posteriormente.<sup>15</sup>

Esses treze anos de produção jornalística foram suficientes, por exemplo, para que Veríssimo sustentasse algumas polêmicas na imprensa contra jornais de ideologia católica, contra a influência portuguesa em terras paraenses, ou, ainda, arregimentasse, no Brasil, as concepções de Emílio Littré, o qual, para João Alexandre Barbosa, “representou, no positivismo, uma heterodoxia” (BARBOSA, 1974, p. 39).

---

<sup>14</sup> Cf. *As Primeiras páginas críticas de José Veríssimo* (2006).

<sup>15</sup> Cf. *A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884)* (2009).

O quadro compreendido pela tradição literária, pelas concepções de Veríssimo e por sua recepção crítica, bem como o estado de armazenamento de textos desconhecidos do autor em instituições de pesquisa corroboram para o estado atual de desconsideração de parte de sua produção, a que denomino de dispersos,<sup>16</sup> demonstrando que a persistência em uma narrativa concentrada no resultado de intervenções (os trabalhos de história e de crítica do autor têm sido vistos como síntese de uma época) deixou de lado uma bibliografia representativa dos mecanismos utilizados para a construção dessa mesma história. Isto é, firmou-se, quase com exclusividade, o lugar do produto, e relegou-se a segundo plano a história do processo: constituída por textos rasurados, notas, discursos apenas mencionados e nunca encontrados. Talvez, esteja nesse direcionamento canônico de narrar a história a explicação para o eterno retorno ao historiador e ao crítico literário, em detrimento do cronista de teatro, por exemplo.

O reconhecimento dessa problemática possibilitou retomar as fontes primárias e identificar 37 textos ordenados em seis categorias: as biobibliografias de artistas e cientistas; as crônicas de teatro e eventos históricos; as narrativas de viagem; as narrativas de fundo folclórico; as reflexões pedagógicas; e as reflexões sobre as condições da produção literária no Brasil, temas explorados indistintamente na primeira década de produção jornalística do autor, o que não significa dizer que ele não tenha demonstrado interesse por determinadas áreas desde os primeiros anos, muito menos que seu laço com outros escritores tenha acontecido com mais vigor a partir de 1894, um ano antes de assumir a direção da *Revista Brasileira*.

Essa constatação de que Veríssimo não foi apenas um autor de história e de crítica literária, mas também tratou de assuntos que mais tarde não comporiam o *métier* literário, além de apontar que ele esteve atado ao estreitamento com a história literária percebido na imprensa brasileira da transição do século XIX para o XX, permite – quando cotejamos essa bibliografia com a dita de maturidade – identificar de maneira mais evidente o caminho por ele utilizado para ter acesso à cultura letrada de sua época, justamente porque a exclusão de tais textos significava que ele buscava adequar seus escritos e sua postura ao ritmo intelectual que traria resultados para um homem de Letras.

---

<sup>16</sup> Conjunto de textos não publicados por José Veríssimo. A maioria deles desconsiderada pela crítica do autor.

O quadro a seguir, no qual estão enumerados os títulos dos textos dispersos, seu local e ano de publicação até o ano de 1890, evidencia uma atividade concentrada na ordem do dia, devido à diversidade de assuntos tratados, sem, no entanto, deixar de convergir para temas, como a movimentação cultural em Belém, com a inauguração do Teatro da Paz em 1878, a nacionalidade brasileira, a defesa da ciência, as biografias críticas sobre homens ilustres e a educação.

QUADRO 1 – Produção Bibliográfica dispersa de José Veríssimo – cronológica

<b>N.</b>	<b>Título</b>	<b>Local de publicação</b>	<b>Ano</b>
1	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
2	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
3	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
4	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
5	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
6	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
7	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
8	A batalha de Riachuelo	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
9	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
10	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
11	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
12	A batalha de Tuiuti	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
13	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
14	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
15	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
16	Crônica teatral	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
17	Alexandre Herculano	Discurso no Grêmio Literário Português	1878
18	O cântico dos cânticos	<i>O Liberal do Pará</i>	1878
19	Sobre a literatura brasileira	<i>Bulletin de L'Association Littéraire Internationale</i>	1880

20	Viagem no Norte de Portugal: notas inéditas da carteira	<i>O Paiz</i> (MA)	1881
21	Emílio Littré	<i>Gazeta de Notícias</i>	1881
22	O Batismo de Littré	<i>Gazeta de notícias</i>	1881
23	Enterro de Littré	<i>Gazeta de notícias</i>	1881
24	À Boa Nova	<i>Gazeta de notícias</i>	1881
25	O Positivismo e a Boa Nova	<i>Gazeta de notícias</i>	1881
26	A Constituição da nacionalidade brasileira	Discurso no Clube Tenreiro Aranha	1881
27	O Elemento africano e a nossa nacionalidade	<i>Gazeta de Notícias</i> (PA)	1881
28	O Marquês de Pombal	Discurso no Grêmio Literário Português	1882
29	Carlos Gomes (escorço)	Pará	1882
30	Discurso na solenidade de criação da Sociedade Promotora da Instrução Pública no Pará	Sociedade Promotora da Instrução Pública no Pará	1883
31	Eu e o Sr. Saraiva	<i>Diário de Belém</i>	1885
32	Iara, lenda amazônica	<i>Brasil Ilustrado</i>	1887
33	Notícia Geral sobre o Colégio Americano	Pará	1888
34	Necrológio de D. S. Ferreira Pena.	<i>Província do Pará</i>	1888
35	Domingos Soares Ferreira Pena: notícia sobre a sua vida e seus trabalhos	<i>Boletim do Museu Emílio Goeldi</i>	1888
36	O Club 13 de maio, o que ele tem feito e o que pretende fazer	Club 13 de maio	1889
37	A Instrução Pública no Estado do Pará em 1890. Relatório apresentado ao excelentíssimo Sr. Dr. Justo Leite Chermont, Governador do Estado	Pará	1890

De maneira panorâmica, os mecanismos discursivos identificados nesses textos desdobraram-se numa série de práticas por meio das quais o

autor ia gradativamente relacionando sua imagem à de um homem probo e intelectualmente ativo.

No nível linguístico-temático, isso é perceptível quando, em textos de todo tipo – tanto os de teor mais analítico quanto os frágeis discursivamente –, conscientemente atribui ênfase a situações-problema, a fim de, por meio da identificação das mazelas sociais e culturais do Brasil, inserir-se como recurso de solução para o estado de degradação, do que decorre o revestimento pedagógico contido desde os seus primeiros escritos de 1877. Além dos dispersos, outro exemplo é o já referido *Primeiras páginas*, resultado e síntese desse esquema pedagógico, porque nele identifica-se, através da disposição dos capítulos, uma espécie de trajetória geográfica e teórica que deveria o novo intelectual, o da geração de 1870, percorrer para apresentar o Brasil num formato mais empírico, resultado das raças cruzadas, o que havia sido desconsiderado pelos escritores do período romântico.

Outra prática discursiva utilizada pelo autor encontra-se nas biografias de homens ilustres, os quais têm enfatizados justamente os aspectos moralmente elevados de suas personalidades. Isso toma uma direção bastante específica nos textos de Veríssimo, porque são justamente esses aspectos que ele procura desenvolver como jornalista e como diretor do Colégio Americano, ou seja, ele projeta na descrição de vida e de obra de outros personagens o ideal de intelectual que almeja para si mesmo.

Esse direcionamento para que, aos poucos, suas ações fossem reconhecidas na imprensa diária foi ratificado pela seleção dos textos que Veríssimo fez para a composição de seus livros. Levando em conta os dois livros publicados no intervalo de 1879 a 1889, o *Cenas da vida amazônica* (1886) e os *Estudos brasileiros* (1889), o autor deliberadamente adotou critérios que corroboravam o ideal do crítico e da crítica que gostaria que fosse vinculado a sua imagem.

Os dispersos fazem parte do conjunto de textos excluídos, que não compuseram esses livros, tendo em vista não somente o fato de que muitos desses escritos não apresentavam um largo desenvolvimento da questão nacional, mas principalmente porque boa parte deles revelava um lado da personalidade do autor que ele procurou eliminar, a de intelectual pouco cortês e de discurso vazio na defesa da ciência, como aconteceu em tréplica à acusação do referido *A Boa Nova* de que Veríssimo negara “impunemente” e “por mero gracejo” a autoria do *Cântico dos Cânticos* a Salomão:

Em primeiro lugar, o princípio de Bonal é absolutamente falso; em segundo lugar, em assuntos desta ordem estes argumentos silogísticos para nada servem e nada provam. O silogismo, na crítica, é um instrumento inútil. Um brâmane, por exemplo, pode dizer, firmado no princípio de Bonal: A voz geral, o sentimento comum, atribuiu até agora os *Vedas* à inspiração Divina, logo, os *Vedas* foram inspirados por Deus. E a *Boa Nova*, para ser coerente, há de aceitar a crença brâmane. Vê-se pois que a lógica católica não difere nada da dos adoradores de Brahma. (VERÍSSIMO, 1878b, p. 1).

Ao depreciar o uso do argumento silogístico pelo redator do periódico católico, caracterizando-o como inútil para a crítica bem organizada que ele esperava receber de seu rival, Veríssimo, em tom sarcástico e já no último dia de polêmica, finaliza a série de três artigos, sendo apenas o primeiro a notícia literária em si – a tradução do escritor Carneiro Vilela do *Cântico dos Cânticos* –, e os outros dois sustentados mais no tom acusatório do que propriamente em uma argumentação fundamentada, seja pelo joguete lógico ao se apropriar do mesmo princípio do *A Boa Nova*, voltado naquele momento à crença ritualística dos brâmanes, seja pela ausência de uma defesa menos obcecada e mais relativizada do Positivismo.

Na contingência de jornais e revistas, Veríssimo não se importou, inclusive, em ofender concorrentes ao Colégio Americano. Do livro, apagou proposadamente quaisquer resquícios de maledicência e de imaturidade no tratamento dos assuntos.

O resultado disso quando atuava em Belém, além dos muitos desafetos, foi ter conseguido caminhar bem por esferas sociais e ter uma atuação disciplinar variada, não obstante o fato de ter se tornado conhecido principalmente como defensor da ciência e como intelectual capaz de gerir adequadamente as questões pedagógicas e institucionais de sua cidade.

Em termos gerais, a entrada do autor na vida cultural do país foi consequência de suas escolhas discursivas, morais e teóricas em diálogo com o cotidiano da imprensa jornalística, e não se fez primeiramente por meio de seus livros. É, por isso, essencialmente processual, pois vivia na dependência tanto das demandas jornalísticas, quanto dos mecanismos discursivos para a construção de sua autoria.

Em 1891, quando se muda para a capital federal, primeiramente foi reconhecido pelo seu interesse por questões educacionais, tanto como analista dessa situação em pleno início de regime republicano, no recém-

fundado *Jornal do Brasil*, quanto como administrador, ao assumir o cargo de diretor do Ginásio Nacional. Na correspondência de 1880 e início de 1890 de Veríssimo com outros escritores, por exemplo, identifica-se como aconteceu esse trânsito do escritor atuante em diferentes esferas, um homem público, por assim dizer, da época da província, para o agremiador e gestor do campo específico das Letras, no Rio de Janeiro.

O estudo dos textos dispersos indicam que Veríssimo, para chegar a publicar um livro e ser conhecido através dele, teve antes de saber manipular os gêneros a sua disposição, sejam aqueles mais apropriados para o par história e crítica literárias, como ensaios, resenhas e artigos, sejam aqueles que movimentavam os bastidores da cena literária, como os que formam os dispersos. Nos livros, José Veríssimo deixou as imagens de probidade e completude, embora, posteriormente, João Alexandre Barbosa viesse a inseri-lo em uma “tradição do impasse”. Nos textos desconsiderados pela historiografia, o autor não pode omitir a polêmica desmedida, o argumento vazio em defesa da ciência, a discussão de variados temas, sem inserir-se necessariamente como modelo de escritor e o hábito de realizar contratos pessoais e políticos para alcançar um espaço no campo literário. Essa estrutura, caracterizada pelo diálogo direto entre os escritores e a tomada de decisões casuais na imprensa diária, resistiu às mudanças de caráter teórico que viriam a ser adotadas pelo autor ao longo dos anos.

## Referências

- ARAÚJO, S. M. S. (org). *José Veríssimo: raça, cultura e educação*. Belém: Editora da UFPA, 2007.
- BARBOSA, J. A. *A tradição do impasse: linguagem da crítica & crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.
- BORGES, R. *Vultos notáveis do Pará*. 2. ed. Belém: CEJUP, 1986.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- MEYER, M. *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- PAMPLONA, A. G. G. *A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884)*. 170 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

PAMPLONA, A. G. G. *As primeiras páginas críticas de José Veríssimo*. 150f. 2006. Monografia (Graduação em Letras) – Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

PAMPLONA, A. G. G. *Na província e no centro: José Veríssimo e sua inserção no meio intelectual*. 218f. 2016. Tese (Doutorado em Letras, Literatura Comparada) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PRISCO, F. *José Veríssimo: sua vida e suas obras*. Rio de Janeiro: Redeschi, 1937.

REVISTA AMAZÔNICA. Ciência, arte, literatura, viagens, filosofia, economia política, indústria, etc. Pará: Tip. do Livro do Commercio, In-8.º Mensal, 1883. t. I.

SILVA, I. F. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870.

SÜSSEKIND, F. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VERÍSSIMO, I. J. *José Veríssimo visto por dentro*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966. (Série Raimundo Monteiro, v. III).

VERÍSSIMO, J. *Cenas da vida amazônica: com um estudo sobre as populações indígenas e mestiças*. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1886.

VERÍSSIMO, J. Do Pará a Óbidos (IV). *O Liberal do Pará*, Pará, a. IX, n. 110, p. 1, 17 maio 1877.

VERÍSSIMO, J. *Estudos brasileiros*. Pará: Editores Tavares Cardoso e C.<sup>a</sup> Livraria Universal, 1889. (1<sup>a</sup> Série).

VERÍSSIMO, J. O cântico dos cânticos. *O Liberal do Pará*, Pará, a. X, n. 180, p. 1, 9 ago. 1878b. (Seção Folhetim).

VERÍSSIMO, J. O Positivismo e a ‘Boa Nova’. *Gazeta de Notícias*, Pará, a. I, n. 134, p. 2-3, 16 jul. 1881. (Seção diversa).

VERÍSSIMO, J. *Primeiras páginas*. Belém: Gutemberg, 1878a.

Recebido em: 1º de maio de 2019.

Aprovado em: 21 de agosto de 2019.